

FONTE : oESP

CLASS. : 92

DATA : 27 09 90

PG. : 22

Seringueiro aprenderá a caçar com acadêmico

MÔNICA TORRES MAIA

BRASÍLIA — Reconhecidos em todo o mundo como defensores da ecologia, fama conquistada após o assassinato de Chico Mendes, em 1988, os seringueiros do Acre vão aprender agora a caçar sem deprestar. A partir de um projeto iniciado há dois anos, com pessoal e recursos da Universidade de Brasília, Museu Emilio Goeldi e Sociedade do Zoológico de Nova York, o atual assessor da Secretaria Nacional do Meio Ambiente, Eduardo Martins, quer ensinar os seringueiros a não exterminar a fauna de seu Estado. Numa tentativa de conciliar conhecimentos científicos com o hábito dos seringueiros de caçar para comer, o projeto prevê o planejamento da caça de animais ameaçados de extinção. A preocupação maior é com o ciclo de reprodução dos bichos.

Os animais de corpo grande são os mais visados pelos caçadores. É o caso dos macacos preto e barrigudo, do peixe-boi, do alencó e do inhambu-azul. Outras espécies, como os veados, porcos-do-mato, paca, cotia, codorna e perdiz, embora também ameaçadas, se adaptariam mais facilmente a uma caça planejada.

Uma das estratégias propostas por Martins conquista pela simplicidade. Todos os dias, os seringueiros costumam consultar o que chamam de "calendário folhinha". Nele, além de saber a data, o seringueiro pode ler as preces do dia, impressas nas páginas.

Além da prece, Martins e seu grupo pretendem inserir nos calendários orientações sobre caça, reprodução dos animais e produtos extrativistas. "Será o planejamento ecológico do dia do seringueiro", diz Martins. Enquanto isso, os pesquisadores continuariam estudando elementos para compor uma ecologia das espécies.

TAREFA FÁCIL

Para Martins, ensinar o manejo ao seringueiros é uma tarefa fácil. "Esse povo tem um conhecimento fantástico da relação do homem com a floresta", diz Martins. Ele conta que no ano passado os seringueiros da reserva extrativista do Cachoeiro, onde Chico Mendes desenvolveu seu trabalho de defesa da natureza e de liderança sindical, decidiram não caçar mais os animais que estivessem em período de reprodução. Eles estão trabalhando agora no melhoramento de suas roças para diminuir a pressão da caça sobre os animais selvagens.

"É possível fazer uma ciência séria, praticamente informal, respeitando os habitantes da floresta", garante Martins, que chegou a participar de várias caçadas para compreender melhor a relação dos seringueiros com esta prática. "Podemos agregar nosso conhecimento à cultura deles, mas respeitando-a, pois caso contrário a destruiremos", diz. Martins também passou a defender as reservas extrativistas, uma forma de melhorar a vida do seringueiro.